

Catequeses Teresianas

XXV

O ser humano hoje tem dificuldade em encontrar Deus. Anda distraído. Teresa propõe que entre na zona mais nobre da sua intimidade para aí reconhecer o Deus que está à sua espera. Enquanto Ele for «um estranho na nossa morada» ou nela for considerado uma presença irrelevante, estamos a ignorar algo importante na nossa vida: desperdiçamos a intimidade da morada de Deus em nós. É tocante o alerta do autor da carta aos Hebreus: “Não esqueçais a hospitalidade em vossa morada: graças a ela, alguns, sem sabê-lo, hospedaram anjos” (Heb 13,2).

Parece paradoxal dizer que, mimando a imensa riqueza que trazemos dentro de nós, fazemos avançar a história humana para o bem. Mas, dizendo isso, estamos em perfeita sintonia com a Teresa das *Moradas*: “Que pouco se deve importar com a honra... a alma onde o Senhor está tão particularmente! Se ela está muito com ele..., toda a memória se lhe vai... em como mostrar-lhe o amor que lhe tem. Para isto é a oração, filhas minhas, para isto serve este matrimónio espiritual: que nasçam sempre obras, obras” (7M 4,6). Oração mística ou vida mística não é mais do que comunhão com o mistério de Deus: com o Jesus do evangelho e com os humanos por ele salvos. Quanto mais densa experiência de oração, mais realismo na entrega pelas causas humanas.

Vale para o livro das *Moradas*, a afirmação de Bento XVI: “Santa Teresa de Ávila nos seus escritos recorre continuamente a imagens bíblicas para explicar a sua experiência mística e lembra que o próprio Jesus lhe manifesta que «todo o mal do mundo deriva de não se conhecer claramente a verdade da Sagrada Escritura” (*Verbum Domini*, 48: cita S. Teresa, *Vida*, 40,1). Fica igualmente claro que a nossa imitação de S. Teresa passa necessariamente pela leitura assídua da Sagrada Escritura. Em *Moradas*, interiorizou-a. Fez dela o livro da sua vida, apesar das dificuldades de acesso a ela. Torna-se então pertinente aqui a exortação do apóstolo Tiago (1,21): “Acolhei com docilidade a Palavra em vós semeada, que é capaz de salvar as vossas vidas”.

P. Armindo Vaz, OCD